

TINTA ^{DA} CHINA

PRIMEIRAS
ESTÓRIAS
☺
JOÃO
GUIMARÃES
ROSA

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXXII

© 2022, Maria de Lourdes Guimarães Rosa Ellis do
Amaral, Laura Beatriz Guimarães Rosa Ribeiro Lustosa,
João Emílio Ribeiro Neto, Nonada Cultural Ltda.,
e Edições tinta-da-china, Lda.
Palacete da Quinta dos Ulmeiros
Alameda das Linhas de Torres, 152, E. 10
1750-149 Lisboa
21 726 90 28 | info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Adoptou-se o texto da última edição brasileira de
Primeiras Estórias (Global, 2019), cotejado com a
1.^a (1962) e a 4.^a (1968). Reproduzimos a seguir ao
último conto (lugar que ocupava na 1.^a edição) o índice
ilustrado que Guimarães Rosa encomendou a Luís
Jardim, autor dos desenhos e da capa amarela das
primeiras edições.

—
COLECÇÃO:

Os melhores deles todos

COORDENADORES DA COLECÇÃO:

Abel Barros Baptista e Clara Rowland

—

TÍTULO:

Primeiras Estórias

AUTOR:

João Guimarães Rosa

POSFÁCIO:

Abel Barros Baptista

e Clara Rowland

REVISÃO:

Tinta-da-china

COMPOSIÇÃO:

Tinta-da-china

CAPA:

Tinta-da-china (V. Tavares)

—

1.^a edição: Novembro de 2022

—

ISBN 978-989-671-718-6

Depósito Legal n.º 506488/22

PRIMEIRAS ESTÓRIAS

1. AS MARGENS DA ALEGRIA	7
2. FAMIGERADO	17
3. SORÔCO, SUA MÃE, SUA FILHA	25
4. A MENINA DE LÁ	33
5. OS IRMÃOS DAGOBÉ	41
6. A TERCEIRA MARGEM DO RIO	51
7. PIRLIMPSIQUICE	61
8. NENHUM, NENHUMA	75
9. FATALIDADE	87
10. SEQUÊNCIA	95

11. O ESPELHO	103
12. NADA E A NOSSA CONDIÇÃO	115
13. O CAVALO QUE BEBIA CERVEJA	129
14. UM MOÇO MUITO BRANCO	139
15. LUAS-DE-MEL	149
16. PARTIDA DO AUDAZ NAVEGANTE	161
17. A BENFAZEJA	173
18. DARANDINA	187
19. SUBSTÂNCIA	207
20.— TARANTÃO, MEU PATRÃO	217
21. OS CIMOS	231
<i>Com o Aldaz Navegante</i>	247
Conversa de Abel Barros Baptista e Clara Rowland	

I

AS MARGENS DA ALEGRIA

I

ESTA É A ESTÓRIA. Ia um menino, com os Tios, passar dias no lugar onde se construía a grande cidade. Era uma viagem inventada no feliz; para ele, produzia-se em caso de sonho. Saíam ainda com o escuro, o ar fino de cheiros desconhecidos. A Mãe e o Pai vinham trazê-lo ao aeroporto. A Tia e o Tio tomavam conta dele, justinamente. Sorria-se, saudava-se, todos se ouviam e falavam. O avião era da Companhia, especial, de quatro lugares. Respondiam-lhe a todas as perguntas, até o piloto conversou com ele. O voo ia ser pouco mais de duas horas. O menino fremia no acorçoo, alegre de se rir para si, confortavelzinho, com um jeito de folha a cair. A vida podia às vezes raiar numa verdade extraordinária. Mesmo o afivelarem-lhe o cinto de segurança virava forte afago, de proteção, e logo novo senso de esperança: ao não-sabido, ao mais. Assim um crescer e desconter-se — certo como o ato de respirar — o de fugir para o espaço em branco. O Menino.

E as coisas vinham docemente de repente, seguindo harmonia prévia, benfazeja, em movimentos concordantes: as satisfações antes da consciência das necessidades. Davam-lhe balas,

chicles, à escolha. Solícito de bem-humorado, o Tio ensinava-lhe como era reclinável o assento — bastando a gente premer manivela. Seu lugar era o da janelinha, para o móvel mundo. Entregavam-lhe revistas, de folhear, quantas quisesse, até um mapa, nele mostravam os pontos em que ora e ora se estava, por cima de onde. O Menino deixava-as, fartamente, sobre os joelhos, e espiava: as nuvens de amontoada amabilidade, o azul de só ar, aquela claridade à larga, o chão plano em visão cartográfica, repartido de roças e campos, o verde que se ia a amarelos e vermelhos e a pardo e a verde; e, além, baixa, a montanha. Se homens, meninos, cavalos e bois — assim insetos? Voavam supremamente. O Menino, agora, vivia; sua alegria despedindo todos os raios. Sentava-se, inteiro, dentro do macio rumor do avião: o bom brinquedo trabalhoso. Ainda nem notara que, de fato, teria vontade de comer, quando a Tia já lhe oferecia sanduíches. E prometia-lhe o Tio as muitas coisas que ia brincar e ver, e fazer e passear, tanto que chegassem. O Menino tinha tudo de uma vez, e nada, ante a mente. A luz e a longa-longa-longa nuvem. Chegavam.

II

Enquanto mal vacilava a manhã. A grande cidade apenas começava a fazer-se, num semi-ermo, no chapadão: a mágica monotonia, os diluídos ares. O campo de pouso ficava a curta distância da casa — de madeira, sobre estacões, quase penetrando na mata. O Menino via, vislumbrava. Respirava muito. Ele queria poder ver ainda mais vívido — as novas tantas coisas — o que para os seus olhos se pronunciava. A morada era

pequena, passava-se logo à cozinha, e ao que não era bem quintal, antes breve clareira, das árvores que não podem entrar dentro de casa. Altas, cipós e orquideazinhas amarelas delas se suspendiam. Dali, podiam sair índios, a onça, leão, lobos, caçadores? Só sons. Um — e outros pássaros — com cantos compridos. Isso foi o que abriu seu coração. Aqueles passarinhos bebiam cachaça?

Senhor! Quando avistou o peru, no centro do terreiro, entre a casa e as árvores da mata. O peru, imperial, dava-lhe as costas, para receber sua admiração. Estalara a cauda, e se entufou, fazendo roda: o rapar das asas no chão — brusco, rijo, — se proclamara. Grugulejou, sacudindo o abotoado grosso de bagas rubras; e a cabeça possuía laivos de um azul-claro, raro, de céu e sanhaços; e ele, completo, torneado, redondoso, todo em esferas e planos, com reflexos de verdes metais em azul-e-preto — o peru para sempre. Belo, belo! Tinha qualquer coisa de calor, poder e flor, um transbordamento. Sua ríspida grandeza tonitruante. Sua colorida empáfia. Satisfazia os olhos, era de se tanger trombeta. Colérico, encachiado, andando, gruziou outro gluglo. O Menino riu, com todo o coração. Mas só bis-viu. Já o chamavam, para passeio.

III

Iam de *jeep*, iam aonde ia ser um sítio do Ipê. O Menino repetia-se em íntimo o nome de cada coisa. A poeira, alvissareira. A malva-do-campo, os lentiscos. O velame-branco, de pelúcia. A cobra-verde, atravessando a estrada. A arnica: em candela-bros pálidos. A aparição angélica dos papagaios. As pitangas

e seu pingar. O veado campeiro: o rabo branco. As flores em pompa arroxeadas da canela-de-ema. O que o Tio falava: que ali havia «imundície de perdizes». A tropa de seriemas, além, fugindo, em fila, índio-a-índio. O par de garças. Essa paisagem de muita largura, que o grande sol alagava. O buriti, à beira do corguinho, onde, por um momento, atolaram. Todas as coisas, surgidas do opaco. Sustentava-se delas sua incessante alegria, sob espécie sonhosa, bebida, em novos aumentos de amor. E em sua memória ficavam, no perfeito puro, castelos já armados. Tudo, para a seu tempo ser dadamente descoberto, fizera-se primeiro estranho e desconhecido. Ele estava nos ares.

Pensava no peru, quando voltavam. Só um pouco, para não gastar fora de hora o quente daquela lembrança, do mais importante, que estava guardado para ele, no terreirinho das árvores bravas. Só pudera tê-lo um instante, ligeiro, grande, demoroso. Haveria um, assim, em cada casa, e de pessoa?

Tinham fome, servido o almoço, tomava-se cerveja. O Tio, a Tia, os engenheiros. Da sala, não se escutava o galhardo ralar dele, seu grugulejo? Esta grande cidade ia ser a mais levantada no mundo. Ele abria leque, impante, explodido, se enfunava... Mal comeu dos doces, a marmelada, da terra, que se cortava bonita, o perfume em açúcar e carne de flor. Saiu, sôfrego de o rever.

Não viu: imediatamente. A mata é que era tão feia de altura. E — onde? Só umas penas, restos, no chão. — «*Ué, se matou. Amanhã não é o dia-de-anos do doutor?*» Tudo perdia a eternidade e a certeza; num lufo, num átimo, da gente as mais belas coisas se roubavam. Como podiam? Por que tão de repente? Soubesse que ia acontecer assim, ao menos teria olhado mais o peru — aquele. O peru — seu desaparecer no espaço. Só no grão nulo de

um minuto, o Menino recebia em si um miligrama de morte. Já o buscavam: — «*Vamos aonde a grande cidade vai ser, o lago...*»

IV

Cerrava-se, grave, num cansaço e numa renúncia à curiosidade, para não passear com o pensamento. Ia. Teria vergonha de falar do peru. Talvez não devesse, não fosse direito ter por causa dele aquele doer, que põe e pune, de dó, desgosto e desengano. Mas, matarem-no, também, parecia-lhe obscuramente algum erro. Sentia-se sempre mais cansado. Mal podia com o que agora lhe mostravam, na circuntristeza: o um horizonte, homens no trabalho de terraplenagem, os caminhões de cascalho, as vagas árvores, um ribeirão de águas cinzentas, o velame-do-campo apenas uma planta desbotada, o encantamento morto e sem pássaros, o ar cheio de poeira. Sua fadiga, de impedida emoção, formava um medo secreto: descobria o possível de outras adversidades, no mundo maquinal, no hostil espaço; e que entre o contentamento e a desilusão, na balança infidelíssima, quase nada medeia. Abaixava a cabecinha.

Ali fabricava-se o grande chão do aeroporto — transitavam no extenso as compressoras, caçambas, cilindros, o carneiro socando com seus dentes de pilões, as betumadoras. E como haviam cortado lá o mato? — a Tia perguntou. Mostraram-lhe a derrubadora, que havia também: com à frente uma lâmina espessa, feito limpa-trilhos, à espécie de machado. Queria ver? Indicou-se uma árvore: simples, sem nem notável aspecto, à orla da área matagal. O homenzinho tratorista tinha um toco de cigarro na boca. A coisa pôs-se em movimento. Reta, até que

devagar. A árvore, de poucos galhos no alto, fresca, de casca clara... e foi só o chofre: *ruh...* sobre o instante ela para lá se caiu, toda, toda. Trapeara tão bela. Sem nem se poder apanhar com os olhos o acerto — o inaudito choque — o pulso da pancada. O Menino fez ascas. Olhou o céu — atônito de azul. Ele tremia. A árvore, que morrera tanto. A limpa esguiez do tronco e o marulho imediato e final de seus ramos — da parte de nada. Guardou dentro da pedra.

V

De volta, não queria sair mais ao terreirinho, lá era uma saudade abandonada, um incerto remorso. Nem ele sabia bem. Seu pensamentozinho estava ainda na fase hieroglífica. Mas foi, depois do jantar. E — a nem espetaculosa surpresa — viu-o, suave inesperado: o peru, ali estava! Oh, não. Não era o mesmo. Menor, menos muito. Tinha o coral, a arrecada, a escova, o grur-grulhar grufu, mas faltava em sua penosa elegância o recacho, o englôbo, a beleza esticada do primeiro. Sua chegada e presença, em todo o caso, um pouco consolavam.

Tudo se amaciava na tristeza. Até o dia; isto era: já o vir da noite. Porém, o subir da noitinha é sempre e sofrido assim, em toda a parte. O silêncio saía de seus guardados. O Menino, timorato, aquietava-se com o próprio quebranto: alguma força, nele, trabalhava por arraigar raízes, aumentar-lhe alma.











Mas o peru se adiantava até à beira da mata. Ali adivinhara — o quê? Mal dava para se ver, no escurecendo. E era a cabeça degolada do outro, atirada ao monturo. O Menino se doía e se entusiasmava.

Mas: não. Não por simpatia companheira e sentida o peru até ali viera, certo, atraído. Movia-o um ódio. Pegava de bicar, feroz, aquela outra cabeça. O Menino não entendia. A mata, as mais negras árvores, eram um montão demais; o mundo.

Trevava.

Voava, porém, a luzinha verde, vindo mesmo da mata, o primeiro vagalume. Sim, o vagalume, sim, era lindo! — tão pequenino, no ar, um instante só, alto, distante, indo-se. Era, outra vez em quando, a Alegria.

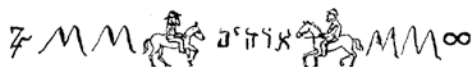
PRIMEIRAS ESTÓRIAS

1. AS MARGENS DA ALEGRIA	7
	
2. FAMIGERADO	17
	
3. SORÔCO, SUA MÃE, SUA FILHA	25
	
4. A MENINA DE LÁ	33
	
5. OS IRMÃOS DAGOBÉ	41
	
6. A TERCEIRA MARGEM DO RIO	51
	
7. PIRLIMPSIQUICE	61
	
8. NENHUM, NENHUMA	75
	
9. FATALIDADE	87
	
10. SEQUÊNCIA	95
	

11. O ESPELHO 103



12. NADA E A NOSSA CONDIÇÃO 115



13. O CAVALO QUE BEBIA CERVEJA 129



14. UM MOÇO MUITO BRANCO 139



15. LUAS-DE-MEL 149



16. PARTIDA DO AUDAZ NAVEGANTE 161



17. A BENFAZEJA 173



18. DARANDINA 187



19. SUBSTÂNCIA 207



20. – TARANTÃO, MEU PATRÃO 217



21. OS CIMOS 231



Com o Aldaz Navegante

—
CONVERSA DE
ABEL BARROS BAPTISTA
e CLARA ROWLAND

*João era fabulista
fabuloso
fábula?
Sertão místico disparando
no exílio da linguagem comum?*

*Projetava na gravatinha
a quinta face das coisas,
inenarrável narrada?
Um estranho chamado João
para disfarçar, para farçar
o que não ousamos compreender?*

Carlos Drummond de Andrade¹

¹ Reproduzimos nesta epígrafe as duas primeiras estrofes de «Um chamado João», poema de Carlos Drummond de Andrade publicado três dias depois da morte de Guimarães Rosa, no jornal *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 22 de Novembro de 1967.

— Rejubilamos? Rejubilamos. Acho que desta vez não podemos começar de outro modo. Sessenta anos após a sua publicação, *Primeiras Estórias* sai pela primeira vez em Portugal. É um acontecimento. Tanto que, mais do que reflectir sobre as razões deste atraso que afectou todos os livros dos quais Rosa não assegurou directamente uma edição portuguesa (*Grande Sertão: Veredas*, que só teve edição comercial por cá em 2019, *Primeiras Estórias* e *Tutaméia*, para deixar de lado os póstumos), dá vontade de pensar nesta chegada fora de tempo de *Primeiras Estórias* a partir do começo, ou seja, já a partir do título, das «primeiras» estórias que depois as «terceiras», as de *Tutaméia*, irão complicar. Lembro-me sempre de uma frase que aparece logo no primeiro conto, descrevendo a experiência de descoberta de um menino: «Tudo, para a seu tempo ser dadamente descoberto, fizera-se primeiro estranho e desconhecido.» Dá vontade de pensar na chegada deste livro agora, a Portugal, a partir desta frase extraordinária, como se de repente — e por razões em grande parte circunstanciais — tivéssemos também o privilégio — anacrónico, suspenso, intenso — de ver este livro a ser «a seu tempo [...]dadamente descoberto» depois de se ter feito «estranho e desconhecido».

PRIMEIRAS ESTÓRIAS



*foi composto em caracteres Filosofia
e impresso na Rainho & Neves,
em papel Coral Book de 80 g,
em Outubro de 2022.*

